

# **DA TROIKA À GERINGONÇA**



**LUÍS REIS**

**PREFÁCIO**  
**LUÍS MARQUES MENDES**

**NÃO-FICÇÃO · POLÍTICA**

# ÍNDICE

PREFÁCIO . . . . .	15
Introdução. . . . .	23
Doidas, doidas, doidas andam as galinhas.... . . . .	27
E tudo o Vítor levou . . . . .	30
Dizer bem há pouco de quem . . . . .	32
Os amigos de Gaspar . . . . .	34
Saudades do futuro . . . . .	36
O <i>ranking</i> do nosso descontentamento . . . . .	38
Com papas e bolos se enganam os tolos . . . . .	40
Porto Business School. . . . .	42
<i>Rentrée</i> a sério!. . . . .	44
Chá das 5! . . . . .	46
Ao economista desconhecido. . . . .	48
«Os três palhacinhos» . . . . .	50
A greve silenciosa . . . . .	52
O meu desejo para 2017. . . . .	54
Marcelo e a criação do Universo . . . . .	56
Para Lisboa, já e em força! . . . . .	58
O Imperador vai nu . . . . .	60
Costa com vistas curtas . . . . .	63

O político é um fingidor . . . . .	66
Super Mário . . . . .	69
Prémios Personalidades 2017 . . . . .	72
O educador do povo . . . . .	76
Posso ser liberal?. . . . .	79
Queijo fundido . . . . .	82
Chuva de estrelas . . . . .	85
Este país é para velhos. . . . .	88
Quem não é de esquerda não é bom chefe de família. . . . .	91
Obrigado, José Sócrates . . . . .	94
A nova esquerda é fofinha! . . . . .	97
Elogio da especulação. . . . .	100
A liga dos últimos . . . . .	102
Robles, o autarca-modelo . . . . .	105
A Grande Fuga Em Frente . . . . .	108
Mário, Maduro Mário. . . . .	111
Mansos e tansos . . . . .	114
A ponte a pé. . . . .	117
Quem quer casar com a Catarina? (Com a Carochinha?) . . . . .	120
O turista acidental. . . . .	123
A carta (secreta) de António Costa ao Pai Natal. . . . .	126
O Partido da Bergonha . . . . .	129
Perigo! Não leiam esta crónica! (Contém factos e números) . . . . .	132
A esquerda <i>Colgate</i> . . . . .	135
Rosa-choque – pobretes mas alegretes . . . . .	138
Perdoa-lhes, António Arnaut, porque não sabem o que fazem! . . . . .	142
Europeias! (Tão sérias como o Carnaval de Torres Vedras!). . . . .	145
Quem quer casar com um governante?	
O <i>reality show</i> de António Costa! . . . . .	149
Centeno. O novo herói do Canal Panda!. . . . .	152
Quando a cabeça não tem vergonha, o povo é que paga! . . . . .	156
Será que podemos falar a sério da Europa? . . . . .	159

Vamos mas é votar no Berardo! . . . . .	162
Por este Rio abaixo! . . . . .	166
A culpa é do mexilhão! . . . . .	169
Infante D. Henrique ou Oliveira da Figueira? (Mais factos, mais números) . . . . .	173
Boa saúde, má memória e ilusões . . . . .	177
A <i>rentrée</i> dos artistas. . . . .	180
Derrotas factuais, vitórias morais. . . . .	183
Costa à vista! . . . . .	187

## PREFÁCIO

1. Não sou íntimo do autor. Não pertença sequer ao seu círculo mais restrito ou mais amplo de relações. Tenho, todavia, de Luís Reis, uma excelente opinião. Uma opinião que comecei por formar ainda antes de o conhecer pessoalmente. Impressionava-me sobremaneira, a partir de relatos de amigos meus que o conheciam, o facto de alguém que era médico por formação se ter transformado num gestor de excelência num dos maiores grupos empresariais nacionais. Por mérito próprio, por engenho e talento, por dedicação e trabalho, num grupo empresarial que tem fama de exigência e não de favoritismo. Uma opinião que fui consolidando através da leitura dos artigos de opinião que periodicamente publica no *Observador*. Esses textos evidenciam sempre duas características singulares – por um lado, o facto de estarmos perante um exímio comunicador; por outro lado, a circunstância de termos pela frente um exemplo de referência em termos de participação cívica e de exercício de cidadania. O momento, porém, que mais me marcou na relação com Luís Reis foi o almoço que há anos tivemos, a seu convite, e que deu lugar a uma conversa fluida, agradável e significativa. Uma conversa onde foi fácil intuir aspectos essenciais da sua personalidade e maneira de ser. Primeiro, Luís Reis é um óptimo conversador. Expõe com clareza, contesta com elegância e replica

com inteligência. Sempre alicerçado numa simpatia e numa cordialidade desarmantes. Depois, Luís Reis é um homem culto e conhecedor, com mundo e experiência, alguém que sabe conciliar a sensibilidade humana do médico com o rigor de decisão do gestor, sem esquecer o lado didático do professor que também é. Em terceiro lugar, Luís Reis tem ideias claras sobre o país. Sabe onde estamos e para onde gostaria que fôssemos. Tem bem a noção dos caminhos a percorrer e das escolhas a fazer. E explica-o com competência, mas sem sobrançeria. Finalmente, Luís Reis é um político. Esta é daquelas sensações que se pressentem logo, sem margem para dúvida, à primeira conversa. Claro que não é o político que exerce cargos, mas é o político que assume convicções. Não é o político por profissão, mas é o político por vocação. Se algum dia fizer uma experiência política, tenho a certeza de que terá sucesso. Porque tem pensamento sólido, experiência de decisão e capacidade de comunicação mais do que suficiente para que a mensagem flua com naturalidade e eficácia.

2. De Miguel Torga a Fernando Namora, passando por muitos outros, temos uma forte tradição de médicos que se transformaram em excelentes escritores e incontornáveis cronistas. Já a ideia de um médico transformado em gestor ser um apaixonado pela escrita, pela análise e pelo comentário, é algo de invulgar. E, todavia, Luís Reis é, a esse respeito, um bom exemplo e uma feliz excepção.

Além de uma escrita fácil, escorreita e atractiva, os seus textos são sobretudo relevantes pelo conteúdo: expõem um pensamento sólido e estruturado; mostram isenção e independência; usam a ironia como arma de combate e afirmação de ideias.

Em primeiro lugar, as crónicas condensadas neste livro evidenciam à saciedade que o autor é alguém que tem visão estratégica e pensamento político estruturado. A sua ideia de país tem relevantes pontos cardinais: a aposta na iniciativa privada como motor da economia; a preocupação com a competitividade económica;

a condenação do esbulho fiscal; a pugna por uma concorrência leal e regulada; a desilusão com os sucessivos adiamentos da reforma do Estado; a crença num ambiente de contas certas como factor de confiança e credibilidade; a reafirmação do sonho da descentralização; o propósito da construção de um sistema de saúde viável e sustentável.

Tudo definido e caracterizado numa perspectiva estratégica – basta ler o artigo «Saudades do futuro», de Maio de 2013, para se perceber que Luís Reis sabe onde está e sabe sobretudo perspectivar o país que gostaria de construir; sempre sem ceder ao tacticismo de circunstância ou aos ziguezagues de conveniência, como se intui à saciedade do artigo intitulado «Boa saúde, má memória e ilusões», de Julho de 2019, em que condena o tradicional círculo vicioso nacional – «Só táctica, forma, mais táctica e mais forma.»; e, finalmente, sem nunca se deixar cair em incoerências ou contradições, como é próprio de quem sabe o que quer, não se deixa esgotar na espuma dos dias e rejeita fazer navegação à vista.

Poucos políticos no activo, profissionais e experientes, seriam capazes desta tripla proeza: afirmar uma ideia de país, dar primazia à substância sobre o *soundbyte*, não cair na tentação do oportunismo para agradar ao auditório de cada ocasião.

Em segundo lugar, Luís Reis desenvolve o seu pensamento com isenção e independência. Percebe-se, pelas suas ideias e propostas, o campo ideológico em que se situa, na área do centro-direita. Confirma-se, artigo a artigo, que o objectivo principal é combater, no plano doutrinário, as proclamações de esquerda e a sua alegada supremacia moral ou intelectual. Comprova-se com facilidade que a maioria das suas crónicas tem como alvo o último Governo de António Costa.

Mesmo assim, o autor não é sectário na análise, não faz dos seus escritos «tempos de antena», nem se deixa envolver em jogos, manobras ou apostas partidárias. É muito cioso da sua isenção e da sua independência. Apesar de próximo do Governo de Passos

Coelho, Luís Reis não hesita em fazer-lhe várias críticas e a vários dos seus ministros. Não obstante se posicionar na área do centro-direita, Luís Reis é cáustico com Rui Rio e com o caminho que leva o PSD. Não poupa nas palavras nem se esconde atrás de qualquer biombo.

É este tipo de comportamento que lhe dá credibilidade e que valoriza as suas crónicas. Afinal, Luís Reis recusa a futebolização da política, a partidarização da análise e a instrumentalização do comentário. Deste modo, os seus textos são realmente inspiradores e evidenciam uma mais-valia intelectual. Vale mesmo a pena lê-los!

Finalmente, Luís Reis escreve com recurso a uma ironia fina e até corrosiva. Na linha de notáveis antepassados como Eça ou Ramalho, o autor usa a ironia como arma de combate e como instrumento de afirmação. Combate a ideias, decisões, atitudes e comportamentos. Afirmação de princípios, propósitos, objectivos e desafios. Entre outros, são notáveis dois artigos que neste livro se integram: o primeiro, intitulado «Obrigado, José Sócrates», escrito em Abril de 2018, é digno de ser lido – por detrás de uma crítica irónica e mordaz ao ex-primeiro-ministro, está uma exigência ética, um pensamento político, um dever de escrutínio; o segundo, com o sugestivo título «Quem quer casar com um governante? O *reality show* de António Costa!», escrito em Março de 2019, mais do que uma condenação pesada do célebre «*familygate*», é a expressão de um ideal com raízes genuinamente democráticas e republicanas. Assim se faz pedagogia, assim se afirmam valores, assim se valorizam princípios. Mais do que isso: assim se prova que uma prosa irónica, atractiva e assertiva vale mais do que uma narrativa pesada, moralista e paternalista.

Numa palavra: este livro de Luís Reis é oportuno, necessário e bem-vindo. Vê-se, além do mais, que o seu autor tem prazer em escrever. Por isso o faz bem, com benefício para todos. Afinal, ninguém consegue ter sucesso, seja onde for, trabalhando sem prazer

e a contragosto. Por mim, sigo idênticas pisadas: espero que todos tenham tanto prazer a ler este livro quanto eu tive a prefaciá-lo.

Luís Marques Mendes  
25 de Novembro de 2019